Summerhill e um diálogo com escola Viva Olho do Tempo e a pedagogia Griô

Summerhill "dialogues" with the Viva Olho do Tempo School and de Griô Pedagogy

Prof. Dr. Antonio Sobreira[1]

[1] Doutor em Geografia FCT/UNESP, palhaço e Gerente de Identidade Cultural-SECULT-PB, antoniosobreira47@gmail.com

Submetido em 21/07/2015
Revisado em 15/08/2015
Aprovado em 13/09/2016

Abstract: This paper presents the pedagogical proposals of Summerhill School (Leiston, England, 1930) and the Escola Viva Olho do Tempo (Joao Pessoa Paraiba, 2004). Both experiences are guided by happiness and non-compulsory education for children and youth revealing the amplitude of democratic schools in different socio-cultural realities.
Keywords: Complexity. School education. Summerhill. Freedom.

Resumo: Este artigo apresenta as propostas pedagógicas da Escola Summerhill (Leiston-Inglaterra, 1920) e da Escola Viva Olho do Tempo (João Pessoa-Paraíba, 2004). Ambas experiências são pautadas na felicidade e na educação não obrigatória para crianças e jovens dando a amplitude das escolas democráticas em realidades sócio-culturais distintas.
Palavras chave: Escolas democráticas. Autonomia do sujeito. Cultura. Pedagogia Griô.

Apresentação

Summerhill[4] é conhecida como a "escola sem portas[5]". A mitificação que se desenvolveu sobre ela não é sem razão. A admiração é, no entanto, tão pouco produtiva quanto as críticas que ladeiam seus quase 100 anos de funcionamento. Algumas pessoas superaram essas duas possibilidades e foram desenvolver projetos semelhantes.

No Brasil e no mundo há várias experiências de escolas democráticas, da felicidade ou sem portas. As que existiam na década de 1960 e 1970 foram fechadas ou obrigadas a altera suas práticas.

Neste artigo serão pontuadas algumas observações sobre a escola Summerhill e se buscará um diálogo arbitrário com a pedagogia Griô praticada pela Escola Viva Olho do Tempo (CHP-EVOT, 2015).

Alexander S. Neill fundou Summerhill em 1921, na cidade de Leiston, região de Suffolk, a noroeste de Londres. É a mais antiga, notória e controversa escola baseada na educação libertária[6] e, para dissipar confusões, consideramos mais adequado denominá-la escola de liberdade ou democrática, o que para a língua inglesa causa menos problemas, pois o termo *libertarian education para as línguas latinas* sempre se aproxima do socialismo, autonomistas ou anarquista.

A. S. Neill faleceu em 1973, levando a assumir a escola, Ena Wood, sua segunda esposa, que ficou em seu lugar até 1985, quando sua filha com A. S. Neill, Zoë Neill Readhead (1946), passou a dirigir Summerhill, o que faz até os dias atuais.

Sua sede está instalada num sobrado em estilo vitoriano, doada por um benfeitor interessado nas ideias de A. S. Neill, e é ladeada por trailers, cabanas e construções temporárias, uma piscina e uma área de aproximadamente dois hectares para o livre caminhar dos estudantes. O projeto inicial tinha como

[4] Durante os estudos de doutoramento, foi realizada uma visita de curta duração em Summerhill em 2008.
[5] Para obter atualização de informações, visitar o site oficial: http://www.summerhillschool.co.uk
[6] Educação libertária em inglês (libertarian education) possui o sentido de educação em liberdade.

objetivo atender crianças com problemas, mas posteriormente se abriu para qualquer criança cujos pais se interessassem pela experiência.

O caráter internacional da escola é visível. Gribble (1998, p.8) afirma que, em 1994, as crianças britânicas eram apenas um terço dos alunos, enquanto do Japão vinha outro terço e, de vários países, os restantes.

Desde o início, A. S. Neill incluiu disciplinas do currículo oficial, seguindo a Lei da Educação Obrigatória da Inglaterra (Compulsory Education Law); contudo, o ensino é informal, não há um horário rígido de aulas, e as crianças são livres para ir e vir quando desejam assisti-las. A não obrigatoriedade de assistir às aulas não impediu que ex-alunos se tornassem professores de vários níveis, médicos, engenheiros, pintores e escritores. Isso corrobora a frase de A. S. Neill que afirmava ser preferível que a pessoa fosse um gari feliz do que um ministro neurótico.

Nessa escola, segundo Gribble (1998, p. 6): "A criança é liberta da tirania da família, escapa do conflito edipiano, perde o medo da figura autoritária paterna e aprende que não é errado se masturbar". Para exemplificar, o autor reproduz o depoimento de um ex-aluno de Summerhill que elucida o efeito da escola naqueles que a frequentaram: "Aqui você aprende através de perguntas, Summerhill deixa você fazer isso. Também aprendi muitas coisas através de erros sem me sentir estúpido como era em outras escolas." (Gribble, 1998, p.11).

A essência de Summerhill, segundo Gribble, é permitir aos estudantes dirigir suas vidas, separadas do mundo adulto e protegidas de práticas inapropriadas relacionadas a esse mundo, afastadas dos conselhos e expectativas paternos e da má influência da autoridade dos adultos: "As crianças colocam por elas mesmas seus limites em suas liberdades, garantindo que suas vidas sejam mais seguras e felizes e da mesma forma decidam quando é importante assistir aulas" (Gribble, 1998, p.21).

Muito do que se diz da licenciosidade presente em Summerhill é decorrente, talvez, do choque que os observadores recebem ao ver os jovens fumando[7] ou realizando qualquer proeza que pareça negativa a olhares apressados. O uso de drogas ilegais não é uma preocupação atual, pois isso não tem sido observado e sua aceitação não é um ponto discutível. Readhead afirma que há diálogos francos sobre esse tema e sobre a responsabilidade de cada um com a própria vida.

Readhead (2006, p. 82), também ex-aluna de Summerhill, relata que, em seu tempo, as crianças da mesma faixa etária e de ambos os sexos dormiam juntas, como em suas casas. Atualmente, foram obrigados a adotar regras "tolas" sobre o número de banheiros e pias que deve haver, e a separação dos dormitórios para crianças de sexos diferentes, acima dos oito anos:

> Isso ilustra a loucura do mundo no novo milênio, tantas regras e um enorme medo de litígios. Mas, realmente, há hoje algo que seja seguro como nos anos de 1960? Eu creio que não! Afirmo que nossas crianças mais novas, os 'San' kids (6 a 10 anos)[8] estão dormindo no mesmo quarto – e assim continuarão. (READHEAD, 2006, p.82). (tradução do autor).

Segundo Gribble, A. S. Neill acreditava que as crianças deveriam aceitar as regras de cuidados relacionados à saúde, alimentação, roupas e horário de dormir, mas que essas exigências deveriam ter como base a saúde psíquica ou o aprendizado deles. Isso significa dizer que poderiam alterar essas recomendações em assembleias: "Algumas vezes essa crença ia contra as decisões das assembleias e, de tempos em tempos, as crianças revogavam o horário de dormir, até que efeitos à saúde se tornassem óbvios, e eles restabelecessem as regras anteriores" (Gribble, 1998, p. 6).

[7] Atualmente Summerhill é antitabagista e somente os estudantes acima de 14 anos podem fumar, mas há multas. Se um estudante fumar fora da escola deve pagar uma multa de £5 e se o fizer dentro das dependências, £10. Essas questões são colocadas nas assembleias de discussão sobre saúde e tabagismo (Readhead, 2006, p.155).

[8] A nominação dos grupos por idade em Summerhill é assim feita: San kids (6-10), Cottage kids (10-11), House kids (11-13) Shack kids (13-14) e os acima de 14 anos, Carriages.

A existência de disciplinas obrigatórias por lei não altera a decisão de "aprender a ser" (letting children be) e de quando aprender. Ainda assim, o currículo não é convencional. Existe, porém, um mecanismo, a "Lista de Atenção Especial" (Special Attention List), para cobrir lacunas de aprendizado, mais voltada às dificuldades emocionais (READHEAD, 2006, p.152). Em Summerhill, os professores recém-chegados precisam aprender a controlar sua ansiedade de ensinar:

> Muitos professores que chegam a Summerhill encaram a dura realidade de que às vezes as crianças não voltam para as suas lições. Eu penso que poderia ser maravilhoso se todos os professores encarassem essa situação. Certamente, isso os faria pensar sobre o que eles ensinam e como o fazem! Existem alguns pontos importantes sobre ser um experiente professor de Summerhill, como o oposto de um professor experiente comum. (READHEAD 2006, p.98) (tradução do autor).

Na avaliação de Readhead (2006, p.99), não existe uma correlação entre fazer um bom trabalho e ter uma classe cheia, e nem a exigência de medir os alunos através do número de avaliações a que se submetem, menos ainda pela qualificação que eles obtêm nesses exames. Isso quer dizer que não só o estudante é livre de pressões, como também os professores.

O currículo em questão estava composto pelas disciplinas comuns da Inglaterra e várias outras, abrangendo matemática, ciências, geografia, história, trabalhos com madeira, arte, inglês, língua estrangeira (chinês, alemão, japonês, espanhol), música (piano, percussão, violão, canto, trombone, trompete, música tecnológica, e engenharia de som), dança (scratching e breakdancing), teatro e culinária. Além dessas disciplinas, os professores são livres para oferecer alternativas ou, a pedido dos estudantes, trabalhar temas como mágica ou a vida dos elefantes. Há ainda interesse em democracia, cidadania e relações internacionais.

Readhead (2006, p.98) expõe que quando um membro de Summerhill decide estudar, não aceita as novas metodologias de ensino e rechaça estratégias de facilitação:

> Em geral, nossos professores ensinam de forma bastante convencional. As crianças de Summerhill tendem a ser conservadoras quando vão para as aulas. Elas gostam de sentar e ter o conteúdo apresentado a elas. Ocasionalmente temos professores que desejam utilizar novos métodos de ensino, mas a resposta comum das crianças é que isso é infantil e preferem aprender pelo modo "normal". Se alguém escolhe ir para as aulas, significa que está pronto para aprender e não é preciso adoçar a pílula (sugar-coated pill) para torná-la mais palatável. (READHEAD, 2006, p.100). (tradução do autor).

Esse resultado é fruto de um trabalho educacional que defende serem os estudantes responsáveis por seu aprendizado. Assim, esse pacote didatista e pedagogista tentando seduzir permanentemente os estudantes acaba sendo nessa realidade algo pueril e aborrecido. Alguns professores recém-chegados a Summerhill sentem grande dificuldade de se adaptar a esse princípio, como mostra parte do depoimento de Jason Preater, professor de Inglês:

> [...] o sistema de proteção de Summerhill é contra as próprias neuroses e ansiedade dos professores e dos estudantes. A escola fala que a criança vai aprender quando ela quiser. Eles têm um monte de coisas importantes para fazer antes de decidir assistir seriamente às aulas. Eles não querem ter a sensação de inutilidade ou de fracasso depois de passar meses assistindo às aulas. (READHEAD, 2006, p.101). (tradução do autor).

Em Summerhill não se obriga ninguém a agradecer, se isso não é sincero. A pessoa deve se dirigir ao outro, quando o ocorrido entre eles for considerado merecedor de agradecimento. Lá, o "muito obrigado" é uma expressão preciosa. Algo que também faz parte da cultura britânica, mas em vida comunitária a polidez normativa acaba sendo um peso, não querendo dizer isso que sejam hostis e frias as crianças.

Summerhill, em 2005, tinha 88 estudantes e não alterou muito, era mais que a média de 60 matriculados e não teve alteração significativa da época em que era conduzida por A. S. Neill. Readhead (2006, p.72) afirma que não houve grande mudança na conduta e filosofia da escola nesses anos e diz: "Como poderia mudar a simples filosofia que a criança deve ser livre para fazer suas escolhas sobre si e que nós todos vivemos como iguais membros da comunidade?".

No entanto, há mudanças em outros aspectos que há maior ênfase nas aulas, como efeito da nova geração que chega à escola e suas prioridades. Supõe Readhead (2006, p.73) que isso seja resultado das influências externas ou das pressões do ambiente familiar, mas não diretamente de pais e mães.

Readhead (2006, p 152) discorre que há motivos genuínos e não genuínos que afastam os estudantes das aulas. Como razões verdadeiras, cita o fato de os estudantes terem muitas coisas interessantes para fazer, por exemplo, jogar futebol, no lugar de estudar, ou exercer sua liberdade e fazer as próprias escolhas. Ao contrário, aversão ao sistema de aulas formais, inibição e constrangimentos provocados por uma perspectiva padrão para as pessoas, tais como medo de falhar e dificuldades de aprendizado, são considerados não genuínos, casos em que se torna necessário o apoio dos monitores do "Special Attention List".

Relata Readhead (2006, p.107) que foi convidada por uma ex-aluna para sua formatura em matemática, pela Universidade de Leicester. Quando comentou com a estudante que nunca a tinha visto estudando matemática, ela respondeu-lhe que jamais estudara essa disciplina durante os quatro anos que passou em Summerhill. Por isso, afirma:

> Quando eles deixam a escola, nossos ex-estudantes são muito diferentes. Muitos deles vão trabalhar em coisas que mantenham seu nível de liberdade e o próprio caminho. Nós temos artistas, médicos, advogados, professores de todos os níveis, carpinteiros, pesquisadores, músicos, chefes de cozinha, atores, jardineiros, fazendeiros, jornalistas e apresentadores, diretores de cinema,

> técnicos, fotógrafos, bailarinos, programadores de computador, escritores, ilustradores e especializados em cuidar de deficientes. Temos ainda empresários fantásticos – isso resulta, talvez, da criatividade desenvolvida pela escola como um bem e um talento para se relacionar com as pessoas (READHEAD, 2006, p.107). (Tradução do autor).

Outros aspectos de que Summerhill se orgulha são a individuação, a relação entre os diferentes grupos de idade e de como é encarada a sexualidade entre os estudantes. Readhead afirma observar entusiasticamente uma criança brincando sozinha, ou fazendo coisas sem estar envolvida com os demais, pois isso é uma prova de segurança.

A sexualidade segue pelo caminho do autoconhecimento desses jovens, e a educadora se entusiasma quando, mesmo não havendo diferenças no tratamento entre meninos e meninas, percebe as garotas mais seguras de si, e os garotos mais leves e gentis. Há entre eles grandes amizades e namoros românticos, sem que ocorram comentários maliciosos ou especulativos.

É muito difícil acreditar que autoconhecimento seja uma coisa distinta de compreender a própria vida. Numa escola livre, saber de si e como se encarar diante dos outros é central e, mais importante do que habilidades e informações.

A mesma conduta ocorre em diversa escolas democráticas , quer dizer, deter-se a se conhecer ou como diz a Escola Paideia (Mérida-Espanha) da pedagogia anarquista; Ser para depois saber! Na educação formal mundial a máxima é inversa: Ter para depois ser! (cf. MARTIN, 1993).

Escola Viva Olho do Tempo (João Pessoa-Paraíba)

Meu primeiro contato com a Congregação Holística da Paraíba-Escola Viva Olho do Tempo- CHP-EVOT foi em 2014. Ela está situada na zona ruro-urbana de João Pessoa no Vale do Gramame, que desemboca no mar entre mangues e bancos de areia da barra do Gramame, litoral Sul da Paraíba.

A primeira impressão veio do som de alfaias, gonguês do ritmo de maracatu. Um vão calçado ora ladrilhos ora de seus cacos em mosaicos, com

uma pista de amarelinha desenhada nesse piso multicolorido divide dois prédios de dois andares. Um fica a administração, cozinha, biblioteca comunitária, estúdio e Museu Vivo Olho do Tempo, no outro está a moradia da idealizadora Mestre Doci e as alas de dança, estação digital e uma mini-biblioteca infantil. O jardim e vegetação ladeiam todas as edificações e uma parte baixa de um desses blocos há o teatro e do lado oposto um pequeno refeitório onde cabem 30 crianças.

Em seguida, há um forte declive e um resquício de Mata Atlântica terciária com trilhas que passam próximas de 4 olhos d'água dos 8 existentes no local que levam até uma várzea. Essa trilha é composta por espaços de observação e contemplação, sendo que até pode ocorrer alguma reunião e aprendizado.

Desde 2004 perguntavam à Mestre Doci o que ia fazer num lugar que não tinha nada!? E ela respondia: Vou plantar gente! Vou plantar sonhos!

Esta região se encontra dividida entre uma comunidade rural de camponeses, quilombolas, pescadores com traços indígenas e também culturalmente trazem essas matrizes do povo do litoral da Paraíba e recentemente, uma urbanização de classe trabalhadora de baixa renda, quase um bairro dormitório se não fosse o alto índice de desemprego.

Na Paraíba, como em muitos lugares do Brasil, não está disseminada o acesso à escola integral e a despeito das críticas e dificuldades às escolas integrais, elas fazem muita diferença na qualidade de vida dessas crianças. Nessa lacuna, a CHP-EVOT cria um projeto de contra turno do ensino formal para atender parte dessa população infantil e juvenil através do que denominaram Eco-Educação.

A CHP-EVOT é regida por um estatuto de associação sem fins lucrativos, com certificação de OSCIP, tendo dois focos: a preservação de 8 olhos d´água espalhados no terreno da sede e atender prioritariamente crianças

e adolescentes do entorno. Suas idealizadoras buscam oferecer desde então uma:

> […] alternativa educacional para traçar caminhos nos quais os moradores da região passassem a viver em busca de um autoconhecimento, enquanto seres coletivos, e assim fortalecer o sentimento de comunidade em seus espaços de vida. Essa busca nada mais é do que o estabelecimento mais contundente de uma identidade cultural que desperta nos moradores um sentimento de pertencimento ao seu espaço e aos seus valores éticos, morais e culturais, trazendo para si a confortável sensação de viver em comunidade (CHP-EVOT, 2015).

Os objetivos eco-educacionais da CHP-EVOT possuem essa aceitação da importância da integração da preservação do meio ambiente, da cultura e da educação. Há, para tanto, um esforço de valorizar a memória social e interação com a comunidade em busca de construir ações de sustentabilidade do projeto à realidade local.

São muitas ações em defesa do Rio Gramame, da cultura popular, museu social criando com apoio da comunidade e oferta de oficinas de arte educação regulares no campo das artes cênicas, canto, danças e jogos populares, contação de histórias, biblioteca comunitária, ritmos brasileiros, estação digital, plantio de árvores, criação de trilhas eco-educativas, eventos e festejos em apoio das comunidades. Além dessas ações locais, há participação das crianças em shows e festejos com artistas de renome local e nacional que conhecem a proposta e se identificam com ela.

A proposta de adotar a Pedagogia Griô veio posteriormente, mas inicialmente já incluíam um esforço sócio cultural e de memória social e patrimônio material e imaterial como já foi assinalado. Na medida em que esses educadores foram se aproximando da comunidade foi se valorizando e compreendendo o saber popular, a tradição oral que são pilares do que hoje se denomina a pedagogia Griô.

Griô ou Griot é um termo de origem na África e com acentuação francesa e por isso recebe críticas e divergências sobre a pertinência do estrangeirismo e se não deviam todas essas tradições orais serem niveladas a mestres populares da oralidade sem essa tipificação. No entanto, se há esse nível de divergências e revindicação de um nome, no que tange à Pedagogia Griô, as delimitações e propriedades pedagógicas possuem características que faz ser um recorte específico com menor resistência. Um mestre Griô pode não se servir da pedagogia Griô.

A pedagogia Griô associa arte, cultura e brincadeiras populares, mística e encantamento pela tradição oral e, através desses elementos, busca aproximar as pessoas da leitura e da valorização da memória social local e do povo brasileiro.

As diversas vivências de rodas de leitura, outros encantamentos e contações de histórias estão incluídas na Pedagogia Griô, podendo se confundir com essas abordagens de aproximação da leitura. Na apreciação de Lilian Pacheco:

> Para a Pedagogia Griô, as relações entre o *incluído* e o *excluído* abrem um campo infinito de dicotomias óbvias, contradições veladas, erros epistemológicos. E o nosso foco de reflexão se dá nas dualidades entre vivência e consciência, mente e corpo, popular e erudito, emoção e razão, instituição e comunidade, tradição e contemporaneidade, mito e realidade, identidade e ancestralidade, eu o outro e a totalidade (PACHECO, 2006).

Então, as práticas se voltam para ações que não são baseadas na educação formal e incorporam preceitos sugeridos e desenvolvidos por Paulo Freire e educadores sociais. Aprofundando mais essa perspectiva Pacheco afirma que a Pedagogia Griô:

> É uma caminhada na terra, nos becos, nas ruas, nas praças, nas ONGs, nos pontos de cultura, nos terreiros, nos quintais, nas casas, nas cozinhas, nas roças, nos grupos e organizações tradicionais num mundo socialmente excluído, numa educação informal no meio do

> povo. Escuta vazia e musical, corpo e sentimentos entregues ao movimento, visão comprometida com uma integração entre as diversas formas de elaboração do conhecimento através da arte, da ciência e das tradições orais do nosso povo. Comprometida com as potencialidades da identidade humana e a diversidade da inteligência afetiva e cultural de um povo para se expressar, se vincular, celebrar a vida e o conhecimento transmitindo-os de geração em geração na diversidade de etnias, epistemologias e sistemas ecológicos onde convive.

Em razão disso a pedagogia Griô faz parte do escopo de uma educação popular com instrumentos de base na tradição oral e na memória sociocultural, por isso, incorporando o que denominam ancestralidade e construções sociais que não estão presentes na escola formal.

Um dos elementos que a CHP-EVOT utiliza são as rodas de discussão, não chega a ser algo parecido com as assembleias mirins das escolas democráticas, mas atende à necessidade de debater de forma mais intimista com as crianças e jovens seus desejos, dificuldades.

Em alguns momentos, há voluntários do campo da psicologia que acompanham algumas crianças e jovens, já que alguns chegam à escola com uma vida pregressa de ausências e de afetamentos afetivos que precisam ser trabalhados para terem maior acolhimento e seguir seus desejos de maneira mais equilibrada diante dos fatos de seu cotidiano.

Há casos de crianças que estão em risco de trabalho infantil ou de outras vulnerabilidades decorrentes de suas famílias ou meio social, para tanto os amparos são feitos de forma individual e na acolha afetiva.

A homofobia, intolerância religiosa e outros preconceitos são trabalhados em permanente discussão, afinal, essas pessoas estão em contato com uma sociedade que ainda não atingiu plenamente a compreensão dos direitos humanos.

O envolvimento artístico e atividades, associados ao acolhimento afetivo tentam dar cabo das preocupações com as crianças e jovens que por vários motivos não desfrutam de tranquilidade que merecem.

Resulta desse trabalho a formação do grupo de Maracatu, Tambores do Vale, Ponto de Cultura "Memórias e Tradição Oral no Vale do Gramame", o grupo Cirandeiros do Vale do Gramame, Luzes do Vale grupo de cantoras e brincantes mirins.

Os Principais projetos desenvolvidos pela CHP-EVOT, são:

1). Programa Ecoeducação, Cultura e Memória do Vale do Gramame, desenvolvido desde 2008 é uma ação de educação não formal com atividades abrangendo as áreas de cultura, meio ambiente, inclusão digital, esporte/laser e leitura, visando proporcionar às crianças e aos adolescentes a construção de conhecimentos, experiências e práticas que possibilitem maior apropriação da realidade, buscando alternativas para transformá-la, visando melhoria na qualidade de vida. As ações contemplam, também, atividades destinadas a educadores e familiares, através de vivências educativas e convívio comunitário, fazendo com que todos os envolvidos sintam-se protagonistas de um processo construído coletivamente, considerando a integralidade do ser humano, seus desejos, saberes e fazeres. As atividades são desenvolvidas considerando como eixo central a identidade e a ancestralidade, levando em conta a história viva, o meio ambiente, a tradição oral e as memórias do Vale do Gramame. O programa busca, ainda, o diálogo e a parceria com o poder público e a iniciativa privada, com vistas à captação de recursos, bem como para a construção da melhoria das políticas públicas.

2). Encontro Cultural do Vale do Gramame, que está na sua sexta edição, teve início no ano de 2006 a partir da necessidade de colocar a filosofia da EVOT a serviço de um projeto que estimulasse os moradores do Vale a se expressar artisticamente através de suas criações e reflexões, tendo como foco a realidade da própria região onde vivem, e que resultassem

em obras contemplativas, reflexivas, mas também de contestação diante dos fatos do cotidiano, aguçando, sobretudo, a sua capacidade crítica. Tudo isso se condensa num evento celebrativo, de fruição plena, sem competição, dos participantes em torno das belezas e problemas de sua vida comunitária. A cada ano o Encontro produz CD e DVD com as composições apresentadas pelos moradores das comunidades do Vale. O projeto visa à interação de músicos profissionais da cidade com músicos amadores da comunidade através da proposta intitulada 'padrinhos musicais'. Esses músicos profissionais contribuem voluntariamente com esse projeto

3). São João Rural desenvolvido desde 2005, visa fortalecer as tradições que envolvem as festividades juninas, desde seu aspecto religioso até traços culturais arraigados como a culinária, o figurino, a música, a dança, enfim, um sentimento junino que existe no coração de todo nordestino, mas que vem sofrendo interferências que o comprometem seriamente. É no dia 19 de março, dia de São José, que se inicia a programação do São João Rural. A partir daí, realiza-se uma festa a cada mês, percorrendo as comunidades do Vale do Gramame e explorando as expressões culturais da região. O São João Rural encerra-se no mês de julho, nas comemorações de Santana. Esse projeto é desenvolvido em parceria com as entidades que compõem a Agenda 21 do Baixo Gramame, bem como com o apoio do poder público.

4). Incentivo à Leitura Desenvolvido desde 2004, o trabalho de incentivo à leitura e formação de leitores acontece sistematicamente através de rodas de leitura e contação de histórias, fazendo uso do acervo da biblioteca comunitária da instituição. Esse trabalho envolve, ainda, rodas de conversas com os mestres e griôs da comunidade, partilhando

histórias, mitos e lendas do Vale do Gramame, além de vivências de cirandas, quadrilhas, poesia e contação de histórias com os esses mestres e griôs.

5). Memória/ Educação Patrimonial/ Ação Griô. As ações envolvem curso, encontros de formação, oficinas, seminários, parcerias, articulações, mostras culturais, trilhas ecológicas, vivências com griôs e mestres de tradição oral. Desenvolve ações com base na Pedagogia Griô, compreendendo-as enquanto um processo de educação patrimonial tendo em vistas que estão pautadas no reconhecimento e na valorização das culturas e identidades locais da região do Vale do Gramame. Nesse contexto, a EVOT vem construindo espaços nos quais os mestres partilham suas histórias, saberes e fazeres, através de rodas que acontecem na sede da entidade, bem como em salas de aula da escola formal, praças e em outros espaços comunitários. As vivências acontecem, também, no quintal dos mestres, que acolhem a comunidade e visitantes que se integram às suas brincadeiras.

6). Educação Ambiental, indo de encontro à lógica desenvolvimentista predatória dos bens naturais, a EVOT mantém, desde 2007, um projeto de reflorestamento das áreas verdes da região do Vale do Gramame, o que consiste, até o momento, no plantio de mais de mil árvores nativas da mata atlântica, sobretudo na região do Baixo Gramame. Essa atividade está inserida nas ações de educação ambiental desenvolvidas pela entidade, envolvendo crianças, jovens e adultos que vão construindo uma compreensão da importância do verde em suas vidas, além da urgência da revitalização do Rio Gramame e dos olhos d'água ainda existentes na região. Mais do que o plantio de árvores, esse projeto vem reforçar os propósitos da Agenda 21, promovendo, através da educação ambiental,

a construção de um pensamento político pautado na preservação da natureza, imprescindível para os dias atuais.

Traçando alguns diálogos entre Summerhill e CHP-EVOT

Todas as escolas que priorizam a felicidade possuem em comum algum nível de democracia infanto juvenil. Nem todas conseguem avançar na liberdade radical e no direito de auto-afirmação dessa liberdade.

Os contextos sociais, formação do país e as restrições econômicas podem guiar os projetos pedagógicos dentro de margens que distanciam as propostas. Há o fato comum em muitas dessas escolas de felicidade e de democracia a aproximação radical das artes, isso envolve até algumas escolas de base anarquista com Walden School em Berkeley nos EUA (SOBREIRA, 2009).

No entanto, os projetos se distinguem pelos seus criadores e idealizadores e em raros casos elas são estatais. Na Dinamarca, Israel, Finlândia e Japão ocorrem exemplos de escolas desse caráter estatais. No Brasil há algumas escolas modelos estatais que buscam a formação anti-autoritária.

Summerhill recebe recursos de pais e mães ricos, assim, garantem o funcionamento sem a necessidade de gerar renda. Além desse fator, os estudantes não são engajados em causas ambientais e sociais prioritariamente, mas na individuação.

Escolas como a CHP-EVOT têm traços de uma trajetória de muitos movimentos educacionais humanistas, assim, não se abstendo das urgências sociais dos familiares e da sociedade em que estão inseridas. Nesse sentido, mesmo não fazendo opções políticas específicas, a práxis aponta para uma sociedade justa, equânime e que considera a condição de exclusão social como uma frente a ser combatida.

A manutenção da CHP-EVOT é tanto realizada por trabalho voluntário como na concorrência de editais públicos, convênios com os governos federal,

estadual e municipal, mas também por campanhas de parceiros pessoa física e jurídica que participam com oferta de serviços ou de recursos, bem como foi dito anteriormente, através de shows solidários.

O afeto, a emoção e a acolha dessas crianças é central entre as preocupações da CHP-EVOT e tal paralelo não pode ser facilmente feito com Summerhill por suas características culturais. A questão para Summerhill é eliminar neuroses.

Não parece que tal linha educacional seja fácil ser realizada no Brasil, onde a demanda afetiva é em muitos casos a questão central desses educadores. No caso inglês o tipo de autonomia está sujeito a chegar às raias do hedonismo, enquanto no caso da CHP-EVOT a decisão pedagógica é em si afetuosa primeiro, antes de qualquer outra medida, quer dizer, abraçar, dançar, congraçar e expressar afeto são incentivados.

A pedagogia Griô coaduna com esse sentimento da CHP-EVOT e coloca uma questão para essas crianças e jovens que ainda não foi avaliada. Durante o tempo que passam na escola de felicidade, concomitantemente estão sob as condições de escolas públicas, suas dificuldades e a incapacidade de atender essas crianças e jovens em suas necessidades intelectuais e afetivas.

Dificilmente se imagina uma criança de 8 anos no Brasil partindo para uma escola em regime de internato, inclusive, com o claro objetivo de separá-las das neuroses dos pais. Isso são questões culturais que são melhores aceitas na Inglaterra, haja vista a tradição de ensino de internato.

O esforço desse artigo é menos criar concordâncias e mais demonstrar que há entre esses dois exemplos uma gama infinita de situações educacionais sendo realizadas no mundo em busca de uma educação anti-autoritária e traz até aqui uma preocupação de que no que tange as vivências educacionais, o Estado não deveria dar exclusividade ao que ele considera Sistema Nacional de Educação e que somente pertence a ele o que se considera como responsabilidade educacional válida.

Referências

CONGREGAÇÃO HOLÍSTICA DA PARAÍBA-ESCOLA VIVA OLHO DO TEMPO – CHP-EVOT. Disponível http://www.olhodotempo.org.br/, acesso junho de 2015

GRIBBLE, David. **Real Education**: variety of education. Bristol: Libertarian Education, 1998.

MARTÍN, Josefa Luengo. **La escuela de la anarquía**. Madrid: Madre Tierra, 1993.

PACHECO, Líllian. **Pedagogia griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.

READHEAD, Zöe Neill. **Summerhill and A. S. Neil**l. Maidenhead: Open University Press, 2006.

SOBREIRA, Antonio. **Ensino de Geografia e pedagogia Anarquista**: Conquistando Cotas de Liberdade. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo, 2009.